

# **Tecnologias e a leitura de textos literários na escola: um olhar sobre as relações entre o letramento digital e o letramento literário**

*Tecnologies and the reading of literary texts at school: a look on the relations between digital and literary literacies*

Francisco Wellington Borges Gomes  
UFPI

**Resumo:** Com a popularização de artefatos tecnológicos como o computador e dispositivos móveis, novas formas de lidar com textos e com a leitura se tornam cada vez mais populares. As tecnologias digitais oferecem tanto a possibilidade de contato com obras de autores consagrados quanto com obras inovadoras e experimentais, promovendo novas experiências estéticas e oportunidades para o ensino e a aprendizagem de literatura. Nesse contexto, discussões sobre o letramento literário na escola buscam atribuir novos olhares à forma como leitores leem e interpretam textos literários, motivados por escolhas individuais e contextuais e pelas recentes mudanças na forma de se produzir e consumir textos. Neste trabalho, discutirei sobre o letramento literário e suas interfaces com o letramento digital, enfatizando a inserção de práticas letradas no ensino de literatura como forma de promover a formação de leitores críticos em um contexto no qual textos digitais estão presentes.

**Palavras-chave:** letramento literário. letramento digital. ensino de literatura e leitura

**Abstract:** *With the popularization of technological artifacts like the computer and mobile devices, new ways of reading and dealing with texts have become popular. The digital technologies offer, at the same time, possibilities for the contact with works of well-known authors as well as with innovative and experimental works of literature, promoting new aesthetic experiences and opportunities for the teaching and learning of literature. In this context, the debate on literary literacy in school environment seeks to give new insights on the way readers read and interpret literary texts, motivated both by individual and contextual choices and by the recent changes in the way we produce and consume texts. In this paper I aim at debating on the interfaces between literary literacy and digital literacy, emphasizing the insertion of literacy practices in the teaching of literature as a way of making critical readers in a context in which digital texts are present.*

**Key-words:** *literary literacy. digital literacy. teaching of literature and reading*

## Introdução

Desde a Antiguidade, a escrita e a literatura asseguraram àqueles que as dominavam uma posição de prestígio em determinados grupos sociais. Ao longo da história, essa apropriação e uso da escrita e da arte literária foi um elemento por meio do qual se atribuía o caráter de civilizado ou não a uma sociedade. Segundo Soares (2004), no processo histórico de diferentes culturas letradas, o caráter civilizatório ocorreu com a instituição de uma língua e, posteriormente, a introdução da escrita, com características próprias e singulares daquela comunidade, para consolidar sua identidade política e cultural. Igualmente, a literatura assumiu papel importante na consolidação da cultura de diferentes povos por meio do registro escrito de fatos, mitos, costumes, ideologias e comportamentos sociais.

Kleiman (1995) chama de letramento às práticas de escrita que estão relacionadas ao uso, função e impacto social. Tfouni (1988), entretanto, esclarece que o letramento não seria apenas o conhecimento da escrita pelo indivíduo ou pela sociedade, mas a ocorrência das transformações sócio-históricas do sistema da escrita adquirido pela sociedade.

Para ambos, a escrita tem tal importância perante a sociedade que o processo de letramento não se dá apenas pela capacidade de memorização do indivíduo com relação a letras, palavras e sentenças. Este é, na verdade, um processo amplo, cabendo ao indivíduo adquirir a capacidade reflexiva sobre o sistema simbólico da escrita e compreender que este não é estável, mas mutável, em constante processo transformador, efetuado pelo indivíduo letrado e pela sociedade que se reformula constantemente.

Ribeiro e Rocha (2007, p.30) nos apresentam o conceito para letramento, a seguir:

(...) Letramento é “o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita. Essa apropriação pode mudar o horizonte de ação de um indivíduo ou de um grupo. Com a chegada de novas ferramentas de ler e escrever, os modos de letramento também se alteraram e terminaram por configurar um novo domínio de uso da palavra.

Cosson (2009, p.23), ao discutir as práticas de leitura na escola, chama a atenção para a necessidade de promoção do letramento literário no ambiente escolar. Para o autor, “o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. É por meio dele que cidadãos-leitores críticos são formados.

Para Baleiro (2011), embora letramento e literatura tenham, durante muito tempo, feito parte de construtos teóricos distintos, eles têm, na verdade, muita coisa em comum, uma vez que ambos estão preocupados com os processos de produção de significados e com as reações

individuais e coletivas a diversos tipos de textos. Nesse sentido, as recentes discussões sobre o letramento literário buscam novos olhares sobre a forma como leitores leem e interpretam textos literários, motivados tanto por escolhas individuais quanto contextuais.

Igualmente, para Frederking et al. (2012), até pouco tempo, por causa do caráter artístico e da ambiguidade do texto literário, poucas abordagens teóricas buscavam descrever os processos de construção do sentido do texto literário pelo leitor, o que ocasionou um distanciamento entre as pesquisas sobre leitura e aquelas relacionadas à literatura. Entretanto, para os autores, o surgimento de teorias voltadas para os processos de leitura e produção de textos aplicadas aos textos literários são importantes para que se possa refletir e compreender os processos de construção de significados nos textos literários, dentro e fora da escola.

Assim como ocorre com a literatura, outras perspectivas de letramento têm sido adotadas para atender às constantes mudanças nas formas de se produzir e consumir textos. Com a popularização de artefatos tecnológicos como o computador e dispositivos móveis como celulares e *tablets*, por exemplo, novas formas de lidar com textos e com a leitura se tornam cada vez mais populares. O uso de tecnologias digitais oferece ao mesmo tempo a possibilidade de contato com obras de autores consagrados quanto com obras inovadoras e experimentais, promovendo novas experiências estéticas e oportunidades para o ensino de literatura.

Neste artigo, busco discutir sobre o letramento literário e suas interfaces com outros tipos de letramento, notadamente o letramento digital, para mostrar que com a popularização das tecnologias digitais surgem novas perspectivas de leitura, assim como novas possibilidades de contato com obras literárias que vão além do texto impresso tradicional. Discutirei, ainda, sobre o papel da inserção de tais práticas letradas na escola como forma de promover a formação de leitores críticos em um contexto no qual textos digitais estão cada vez mais presentes.

## **Entendendo o Letramento pela desconstrução da alfabetização e do ensino “mecanizado” da literatura**

Ao definir o conceito de letramento, muitos autores (Kleiman, 1995; Rojo, 1998; Colello, 2003; Soares, 2004) buscam o estabelecimento de diferenças com outro conceito: o de alfabetização. Nesta seção, retomaremos algumas das principais discussões sobre letramento e alfabetização, buscando mostrar que apesar de relacionados, os dois termos implicam conotações diferentes atribuídas ao papel da leitura na escola.

Originalmente o termo *alfabetização* estava associado à competência de um indivíduo para relacionar os sons da língua às convenções gráficas a eles equivalentes. Naquela perspectiva, acreditava-se que ensinar alguém a ler era tornar essa pessoa capaz de associar as letras dispostas em sequência em um texto com os sons que cada uma delas representava. Assim, considerar que uma pessoa alfabetizada pudesse ler a frase “a escola já não é mais a mesma” implicava dizer que ela era capaz de reconhecer o valor fonético de cada letra e como elas se associam para formar palavras e frases, não interessando se esse leitor conseguiria interpretar os significados da sentença ou refletir sobre as conotações ideológicas e sociológicas imbricadas na frase.

Essa visão de alfabetização que guiou durante muito tempo as condutas de professores e autoridades escolares em relação à leitura pouco contribuiu para a diminuição do analfabetismo, uma vez que a escola formava bons “decodificadores”, capazes de converter o código escrito em oral e vice-versa e que, por sua vez, frequentemente eram maus “decifradores”, incapazes de compreender os significados explícitos e implícitos do texto.

Desta visão mecanicista da linguagem, em que a estrutura era mais importante que o uso, resultou um novo conceito de analfabetismo, o de *analfabetismo funcional*<sup>1</sup>, ou seja, a capacidade do indivíduo de relacionar sons e escrita, escrever e decodificar frases curtas, assinar o nome, dentre outras habilidades mais simples, e incapacidade de interpretar os significados do texto de forma crítica.

No ensino de literatura, práticas como a ênfase excessiva na abordagem histórica levaram à mecanização e conseqüente desfavorecimento da reflexão e crítica por meio do contato com o texto literário. Ao criticar essa postura mecanicista na aula de literatura, na década de 80, Lajolo (1982, p. 15) nos diz que “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas”. Igualmente, ao criticar a ausência do ensino de literatura voltado para o desenvolvimento do leitor crítico, Zilberman, (1989, p. 49) nos diz que “raramente a escola se preocupa com a formação do leitor. Seu objetivo principal consiste na assimilação, pelo aluno, da tradição literária, patrimônio que ele recebe pronto e cujas qualidades e importância precisa aceitar e repetir”.

Posteriormente, com o surgimento de novas perspectivas teóricas sobre o ensino de leitura, percebeu-se a improdutividade de práticas didáticas que viam o ensino como mecanismo

---

<sup>1</sup> Termo criado durante a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, para descrever a incapacidade de entendimento de instruções escritas necessárias para a realização de tarefas militares (CASTELLS *et al*, 1986; apud RIBEIRO *et al*, 2011) e posteriormente, em 1978, adotado pela UNESCO (RIBEIRO, 2003; apud RIBEIRO *et al*, 2011).

meramente técnico. A leitura e a literatura passaram, então, a ser ensinadas em uma perspectiva social. Foi difundida a visão de que a escola deveria ensinar a ler para que as pessoas pudessem atingir diferentes objetivos, fossem eles adquirir conhecimentos, interagir socialmente, avaliar e selecionar a informação criticamente, agir de forma a mudar sua situação socioeconômica, dentre outros.

Baseando-se nos ideais de educação como fruto e instrumento de mudança social e apoiado nas teorias de Vygotsky e Paulo Freire, dentre outros, o ensino da leitura e da literatura tornou-se um instrumento de empoderamento<sup>2</sup> e promoção da cidadania. Esta postura, hoje mais conhecida como Letramento, vai além da codificação/decodificação do oral/escrito e da memorização de períodos históricos e passa a buscar a formação de cidadãos participativos. Aliás, de acordo com a ideia de letramento, é do contato social e por estar imersa em uma cultura que valoriza a leitura que a criança adquire instrumentos para tornar-se uma leitora proficiente em sua língua materna.

Baleiro (2011), ao discutir as atuais necessidades de letramento literário com alunos universitários, nos diz que não basta apenas conhecer aspectos históricos sobre autores e obras literárias, é preciso saber contextualizar fatos históricos e culturais de modo que o leitor possa elaborar uma interpretação coerente do texto. Para a autora, o desenvolvimento de habilidades de letramento implica na formação de leitores com sensibilidade cultural e social capazes de atribuir sentidos a textos de acordo com contextos e objetivos específicos.

Na próxima seção, discutirei sobre as relações entre o letramento literário e o letramento digital para mostrar que com as tecnologias da informação e comunicação (TICs)<sup>3</sup> tais letramentos tendem a se complementar. Discutirei, ainda, sobre a importância de uma integração entre ensino de literatura e usos de tecnologias na formação de leitores críticos.

## **A expansão do letramento**

Na perspectiva de que letramento é uma área de estudo que se expandiu nas últimas duas décadas para abranger os diversos fenômenos sociais e culturais ligados à produção e recepção da linguagem, podemos afirmar que o conceito de letramento estende-se, também, aos estudos e aos

---

<sup>2</sup> Na perspectiva freiriana, o termo “empoderamento” descreve o processo no qual o indivíduo torna-se capaz de transformar sua própria realidade, buscando melhorias.

<sup>3</sup> Termo usado para descrever o conjunto de recursos tecnológicos que mediam os processos interacionais e informacionais dos seres humanos tais como o computador, a internet, o telefone, a TV, dentre outros.

conhecimentos literários. A esse propósito, Paulino (2010) define letramento literário como um processo ativo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.

Baleiro (2011, p. 17), por sua vez, também defende uma aproximação entre letramento e literatura ao definir letramento como:

O processamento contínuo e criativo da escrita que ocorre em uma dada situação e em um dado contexto. Este processamento pode ser revelado quando se está lendo um texto literário ou escrevendo uma carta de candidatura a um emprego, por exemplo. O objetivo geral é sempre o de produzir alguma coisa com significado, levando-se em consideração as convenções exigidas pelo contexto no qual as habilidades de letramento são ativadas. (BALEIRO, 2011, p. 17)<sup>4</sup>

A autora trata de letramento em termos de habilidades, ou seja, de “construtos pessoais que precisam ser ativados para que uma determinada tarefa seja realizada”. Segundo ela, durante a leitura o leitor precisa usar certas habilidades necessárias à realização da atividade de ler, sejam elas a habilidade de ativar conhecimentos prévios, de analisar e comparar conhecimento velho com conhecimento novo adquirido por meio da leitura, de analisar os contextos de produção e recepção do texto, de tomar decisões durante a leitura, dentre outras.

Ainda para Baleiro (Op Cit.), assim como a leitura de outros textos, a leitura do texto literário não pode ser uma leitura “inocente”, mas um ato consciente que envolve a ativação de habilidades específicas em uma interação permanente entre leitor e texto para que o leitor possa preencher os vazios do texto de forma coerente. Segundo a autora, dois leitores podem interpretar um mesmo texto literário de modo diferente se cada um deles ativar habilidades distintas durante a leitura. Essas habilidades, por sua vez, são ativadas de acordo com as reações emocionais do leitor ao texto e as convenções culturais e sociais da comunidade a que ele pertence.

Ao compararem o conceito tradicional de letramento à noção de letramento literário, Cosson e Souza (2011, p. 102) nos dizem que:

O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Todavia, ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular.

---

<sup>4</sup> Literacy equates to the continuous and creative processing of the written word that occurs in a given situation and in a given context. This continuous and creative processing of written work can be revealed when reading a literary text or writing a job application letter, for instance. The common goal is always to produce something with meaning, taking into account the conventions of the context in which the literacy skills are activated. (Tradução minha)

Para que o letramento literário seja desenvolvido na escola, os autores sugerem quatro etapas didáticas a serem trabalhadas na aula de leitura. São elas: a motivação para a leitura, a apresentação do autor e da obra, a leitura do texto em si e a interpretação da obra de acordo com os construtos sociais e culturais de cada comunidade de leitores.

Assim como aconteceu com os estudos literários, com o surgimento das tecnologias da informação e comunicação (TICs), o conceito de letramento passou a se estender para outras áreas relacionadas ao uso da linguagem. Na pesquisa em leitura, por exemplo, atualmente compartilha-se a ideia de que existem diversos letramentos que abrangem habilidades específicas relacionadas à leitura enquanto artefato social, tais como habilidade de construir sentido a partir de textos que mesclam palavras e elementos pictóricos e sonoros em um mesmo suporte e a capacidade de localizar, filtrar e avaliar criticamente a informação disponibilizada por meios digitais e informáticos. Estas habilidades compreendem o que chamamos de letramento digital (COSCARELLI, 2007; BUZATO, 2007).

Assim como outros tipos de letramento, o letramento digital abre espaços de acesso ao conhecimento e ao contato social. Com a sociedade do conhecimento<sup>5</sup>, a leitura tem evoluído e se construído como um ato complexo que não se limita ao livro ou ao texto impresso. A propagação de textos virtuais, sejam eles no computador, no celular, na TV ou em outros meios, faz com que ler signifique, também, ter conhecimento das propriedades do texto na tela, das normas que regem a construção de sentido no ambiente digital, das características técnicas para o manuseio da tecnologia e de outras regras e convenções peculiares dos meios eletrônicos e digitais.

Para a escola, isso tem representado gradualmente uma mudança nos modos e métodos tradicionais de ensino, uma vez que ela não é mais o único espaço de formação.

Da mesma forma, os alunos passam a ter outras necessidades dentro e, principalmente, fora da sala de aula, tais como desenvolver a habilidade necessária para localizar, explorar e utilizar a informação de modo eficaz para resolver problemas ou tomar decisões, quer ela venha de um computador, de um livro, de um filme, de uma conversa, ou de qualquer outra fonte.

Com isso, começa-se a perceber que, em vez de culpar o computador e outros meios digitais pelos problemas de leitura, é preciso dotar os leitores de capacidades que tornem possível

---

<sup>5</sup> Termo usado para descrever as sociedades contemporâneas, que fazem amplo uso das tecnologias da informação e comunicação de modo reflexivo, ou seja, capazes de organizar e selecionar as informações, de estabelecer relações como outros conhecimentos e de utilizá-los na vida cotidiana (COUTINHO e LISBÔA, 2011)

o acesso a diferentes tipos de leitura e literatura, ao mesmo tempo em que se deve ensinar a utilizar adequadamente os diferentes suportes.

Sobre a falácia de que os meios digitais ameaçam a leitura e a literatura, Zilberman (2009, p.05) defende que a integração de suportes digitais às práticas tradicionais de leitura, na verdade, contribui para a formação de leitores. Nas palavras da autora:

O acesso à realidade virtual depende do domínio da leitura e, assim, essa não sofre ameaça, nem concorrência. Ao contrário, sai fortalecida, por dispor de mais um espaço para sua difusão. Quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público. (ZILBERMAN, 2009, p.05).

É mostrando aos alunos que um texto na internet e em outros meios digitais é diferente de um texto impresso tradicional, nem por isso menos relevante, que podemos obter resultados mais eficazes quanto ao ensino de leitura e literatura. Para Duarte (2011), o texto literário digital tende a constituir um novo gênero literário que, ao invés de apagar os anteriores, tende a dividir espaço com os demais. Segundo a autora:

A era das tecnologias digitais tem afetado diretamente a literatura contemporânea. A internet tem possibilitado uma interatividade entre leitor e autor. O leitor virtual é disperso e não quer apenas ler, mas também interagir com a obra e se transportar pelos hipertextos tendo a possibilidade de navegar por infinitos textos simultaneamente. Por essa razão os textos virtuais exigem mais agilidade do que os textos impressos, propiciando o surgimento de novos gêneros literários, como as micronarrativas e as poesias visuais. (DUARTE, 2011, p. 04)

Dentro da perspectiva de que letramento digital e literário se complementam, merece destaque, dentre inúmeras outras iniciativas, o acervo de obras literárias digitalizadas mantido pelo Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL), da Universidade Federal de Santa Catarina. O núcleo mantém um acervo digitalizado de mais de 3.400 obras de autores brasileiros e portugueses que pode ser acessado gratuitamente pelo endereço eletrônico [www.literaturabrasileira.ufsc.br](http://www.literaturabrasileira.ufsc.br).

Enquanto o acervo do NUPILL busca dar acesso à literatura por meio de obras digitalizadas, outras iniciativas trabalham com a perspectiva da literatura criada especificamente para os meios digitais. Dentre elas, destacamos as obras de ficção digital publicadas pela *Penguin Publishers* em 2008, no projeto *We tell stories*. O projeto disponibiliza gratuitamente seis histórias que utilizam inúmeros recursos digitais, tais como blogs e os mapas do Google, para contar histórias



sobre temas variados. As obras podem ser acessadas no endereço eletrônico [www.wetellstories.co.uk](http://www.wetellstories.co.uk).

## **O letramento literário e o letramento digital na escola**

No atual contexto, em que as tecnologias digitais alcançam cada vez mais abrangência, ensinar a ler textos literários de modo crítico requer da escola e dos educadores que eles compreendam como a tecnologia pode ser explorada para facilitar o acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, o despertar de um papel social. O computador, por exemplo, afeta as práticas de ensino de diversas formas, seja dando acesso ao enorme repositório de informação que é a internet; seja propiciando ferramentas que possibilitem a leitura e a produção de textos; ou ainda permitindo a apreciação de diversos recursos midiáticos simultaneamente, como textos verbais escritos ou orais, imagens estáticas, imagens em movimento, músicas, dentre outros, que juntos colaboram para a transmissão de significados e novos valores estéticos em textos híbridos.

Apesar de a tecnologia ter trazido diversas possibilidades para o ensino de literatura, novos problemas também surgem como consequência da inovação. A sobrecarga de informação em textos digitais, por exemplo, que muitas vezes leva o leitor a se perder durante a leitura se ele não tiver objetivos específicos que o guiem, exige que ele elabore novas estratégias para lidar com a leitura de textos não lineares, que podem ser iniciados pelo final, pelo meio, ou qualquer outro ponto.

Da mesma forma, a tradicional discussão sobre o que é não literário parece ainda encontrar um campo fértil para debates ao tratar do status da literatura em suportes que vão além do impresso, como computadores, TVs e dispositivos móveis como celulares e *tablets*. Como parte natural de um processo de mudança de paradigmas, ainda é comum encontrarmos autores que defendem pontos de vistas contraditórios sobre a literatura digital e sobre a aplicação de TICs no ensino de literatura. Tais problemas relativos ao conceito do que é ou não literário no ensino são trazidos à tona pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil/ MEC/SEMTEC, 2000, p.16), quando estes afirmam que “O conceito de texto literário é discutível. Machado de Assis é literatura, Paulo Coelho não. Por quê? As explicações não fazem sentido para o aluno.”

Contrariando aqueles mais resistentes à adoção de novas tecnologias, é óbvio que os livros não irão desaparecer por causa do surgimento de novos suportes de leitura e escrita como os suportes digitais. Apesar de bastante comum há uma década, essa discussão sobre o destino do

livro e da literatura hoje parece infrutífera, uma vez que ambos são bens culturais profundamente enraizados em todos os grupos humanos. Além disso, mudanças nos suportes de leitura e na forma como os textos se apresentam neles não significam o fim da leitura e da literatura, mas o surgimento de novas perspectivas que, naturalmente, tendem a enriquecer as áreas.

Na escola, ao invés de investir esforços em discussões sobre o futuro fatídico da literatura por causa dos suportes digitais, é bem mais produtivo discutir o ensino da literatura na perspectiva do desenvolvimento de letramentos. Sobre isso, Nunes (2006, p.11), ao tratar do letramento literário e sua relação com tecnologias audiovisuais, afirma que a presença de obras literárias em outros suportes, como a TV e o cinema, por exemplo, pode aproximar o leitor da obra literária original, que deu origem à obra traduzida. Para ela, os novos significados e sentidos alcançados pelas adaptações da mídia podem não agradar alguns, mas são inerentes às mudanças dos meios de comunicação, como aconteceu na mudança da imprensa para o rádio, e em seguida para a TV e o cinema. A autora ressalta ainda que cada suporte, em seu processo criativo, tem suas próprias regras e por isso muitas vezes passam a construir novas obras, tão ricas quanto a obra original.

De fato, o surgimento de novos suportes de leitura sempre provocou efeitos na produção e divulgação de textos literários. Na antiguidade, a literatura oral tornou-se literatura escrita com o surgimento das tábuas de argila e do pergaminho. A epopeia de Gilgamesh, preservada em tábuas de argila do século VII a. C. nos ilustra bem isso. Posteriormente, à medida que novos suportes surgiam, inovações nos modos de consumir literatura foram sendo criadas. Da invenção da prensa no século XV ao surgimento das narrativas visuais do cinema, da televisão e da internet no século XX, temos visto profundas modificações no modo de produzir e consumir textos literários, de modo que cultivar leitores passou a significar o desenvolvimento de habilidades de letramento, dentre eles o letramento literário e o letramento digital.

Essas novas práticas de leitura, apesar de geradas fora da escola, representam uma demanda cada vez mais urgente: a de que novas perspectivas de letramento, tais como o letramento digital e o letramento literário sejam integrados às aulas de leitura e literatura para se promover a formação de leitores críticos e conscientes de seus papéis sociais.

## **Considerações finais**

Nos dias de hoje, diante das demandas da sociedade do conhecimento, o contato e apreciação de obras literárias continua sendo um elemento de absoluta importância na formação

do cidadão letrado. Entretanto, esse contato não se processa da mesma forma que algumas décadas atrás. A leitura de textos literários deixou de ser um processo passivo de decodificação e de memorização de períodos históricos para se tornar um processo ativo no qual leitores críticos são despertados à consciência de si e de seu papel como membros de um grupo social por meio do texto literário.

Nesse contexto, as tecnologias da informação e comunicação têm se revelado como ferramentas importantes na formação de leitores críticos, uma vez que elas instigam novos hábitos de leitura, promovem o maior contato tanto com textos literários tradicionais quanto com textos inovadores e despertam a autonomia do leitor, que não depende mais somente do contato com textos promovidos pela escola.

Tais práticas de leitura, em que o leitor é visto como um sujeito reflexivo ativo e inserido socialmente reflete as perspectivas de um ensino de literatura voltado para a promoção do letramento literário. Igualmente, como novos suportes levam a novos comportamentos de leitura, a presença cada vez maior de obras literárias em suportes digitais promovem a urgente necessidade de incorporação do letramento digital nas atividades pedagógicas voltadas para a formação de leitores.

## Referências

BALEIRO, R. A definition of literary literacy: a content analysis of literature syllabuses and interviews with portuguese lecturers of literature. *TOJNED: The Online Journal Of New Horizons In Education* - Volume 1, Issue 4, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000. [on-line] Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)> Acesso em 10.12.13.

BUZATO, M. E. K. *Entre a Fronteira e a Periferia: linguagem e letramento na inclusão digital*. 2007. 284 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

COLELLO, S. M. G. e SILVA, N. Letramento: do processo de exclusão social aos vícios da prática pedagógica. *Videtur*, n. 21. Porto/Portugal: Mandruvá, p. 21 – 34, 2003.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e Letramento Digital. In: COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E. (orgs.) *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 25-45.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, R; SOUZA, R. J. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. *Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 2, p. 101-108.

COUTINHO, C; LISBÔA, E. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para a educação no século XXI. *Revista de Educação*. Vol. XVIII, no. 1. p. 5-22.2011.

DUARTE, E. C. C. *Literatura em meio digital: um olhar sobre os novos perfis literários*. XII Congresso Internacional da ABRALIC. 2011. [on-line] Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0258-1.pdf> Acesso em: 01.12.13.

FREDERKING, V., HENSCHER, S., MEIER, C., ROICK, T., STANAT, P. e DICKHÄUSER, O. Beyond Functional Aspects of Reading Literacy: Theoretical Structure and Empirical Validity of Literary Literacy. *L1- Educational Studies in Language and Literature*, 12 (Special issue guest edited by Irene Pieper & Tanja Janssen), p. 1-24, 2012. [on-line] Disponível em: <http://www.erziehungswissenschaften.hu-berlin.de/institut/abteilungen/methodenlehre/Mitarbeiter/personal/henschel/text1/> Acesso em: 01.12.13

GUIMARÃES, H. A presença da literatura na televisão. *Revista USP*, n. 32. São Paulo. P. 190 -198. 1996.

KLEIMAN, A. B. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

NUNES, A. M. O. UNESCOM - Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional São Bernardo do Campo - SP - Brasil - 9 a 11 de outubro de 2006 - Universidade Metodista de São Paulo.

PAULINO, G. *Das leituras ao letramento literário*. Belo Horizonte: FaE/UFMG e Pelotas: EDUFPEl, 2010.

RIBEIRO, A. E. e ROCHA, J. Letramento digital de estudantes universitários: estudo de caso. *Informática Pública*. Vol. 9 (2). P.29-36. 2007.

RIBEIRO, B; MODESTO, D; CAPRA, E; FERREIRA. S. B. L. Referencial Teórico sobre Analfabetismo Funcional: relatórios técnicos do Departamento de Informática Aplicada da UNIRIO no. 0008/2011. Rio de Janeiro: UNIRIO. 2011. Disponível em: [http://www.seer.unirio.br/index.php/monografiasppgi/article/view File/1498/1379](http://www.seer.unirio.br/index.php/monografiasppgi/article/view/File/1498/1379) Acesso em 10.05.14.

ROJO, R. *Alfabetização e Letramento*. Campinas: Mercado das Letras. 1998.

SOARES, M. *Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos*. Pátio, 29, 2004, p. 19-22.

TFOUNI, L. V. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, R. A leitura no mundo digital. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 56, n.34, p.22-32, jan./jun. 2009.

### **Francisco Wellington Borges Gomes**

---

Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), docente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI, tendo como foco de pesquisas as relações entre linguagem e tecnologias e o ensino de língua materna e estrangeira. E-mail para contato: [wellborges@hotmail.com](mailto:wellborges@hotmail.com)

*Recebido em 30 de dezembro de 2013.*

*Aceito em 20 de junho de 2014.*